

JONATHAN CONLIN

O HOMEM MAIS RICO DO MUNDO

As muitas vidas de
Calouste Gulbenkian



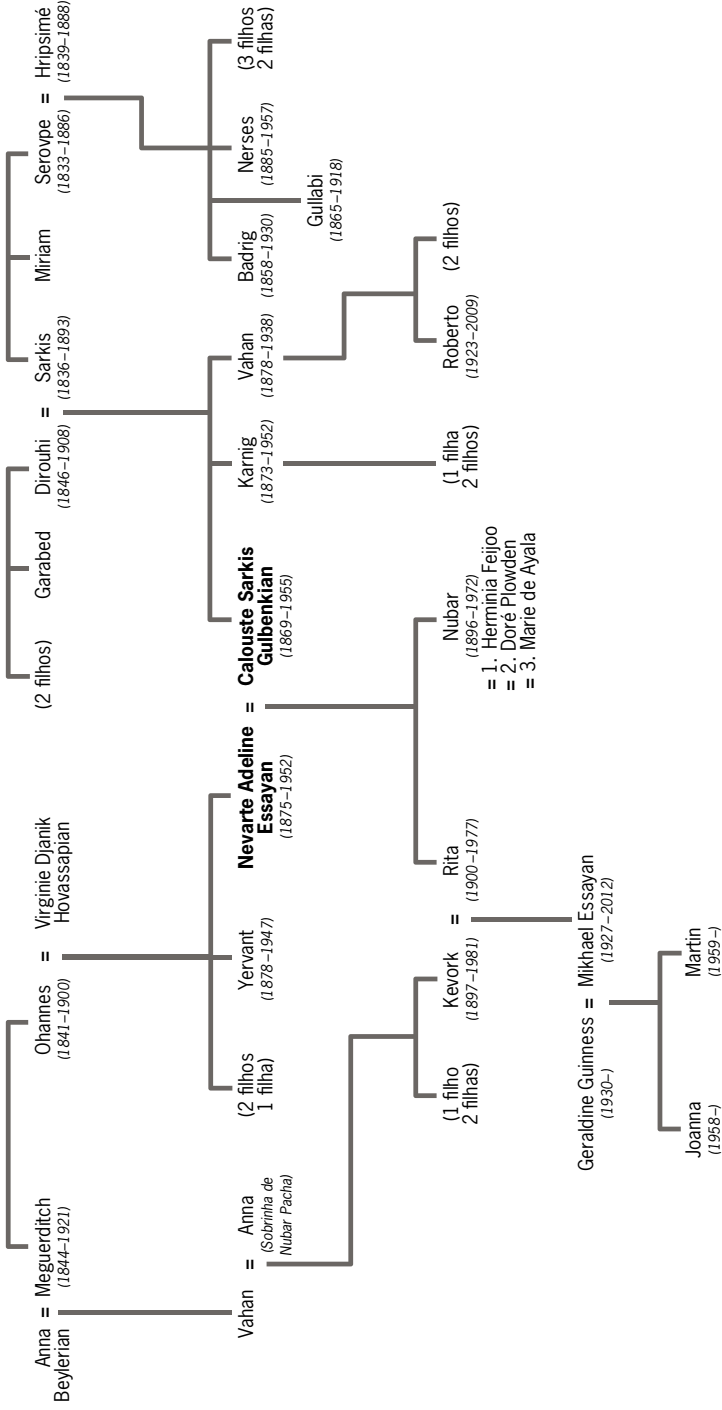
Dedicado a Richard Roberts (1952-2017)

ÍNDICE

<i>Nota do Autor</i>	13
Introdução: Traçar a Linha	15
PRIMEIRA PARTE: Aprendiz, 1869-1914	23
1. Istambul, 1869	25
2. Marselha, Londres e Baku, 1883-1888	40
3. Um Jovem Apressado, 1889-1896	58
4. Nada Mais do que Um Desporto, 1897-1901	76
5. Asiático e Europeu, 1902-1908	92
6. Jovens Turcos, 1908-1914	108
SEGUNDA PARTE: Arquitecto, 1914-1942	129
7. Desfraldar Mais Bandeiras, 1914-1918	131
8. Talleyrand, 1918-1920	150
9. Porta Aberta, Fileiras Cerradas, 1921-1923	171
10. O Fim da Contenda, 1924-1926	182
11. Lutar ou Fazer Amor, 1926-1928	199
12. O Grande Plano, 1928-1930	219
13. Senhor Presidente, 1930-1934	238
14. O Pobre Papá Paga, 1935-1938	257
15. Até que Termine, 1939-1942	276

TERCEIRA PARTE: Anacronismo, 1942-1955	293
16. País de Abundância, 1942-1944	295
17. Os Cães Ladram, 1945-1948	313
18. A Caravana Passa, 1949-1955	332
 Conclusão	356
Epílogo: O Espólio de Gulbenkian, 1956	365
Apêndice: A Riqueza de Gulbenkian	385
 Notas	387
<i>Fontes e Bibliografia Seleccionada</i>	475
<i>Agradecimentos</i>	489

Os Essayan



Os Gulbenkian





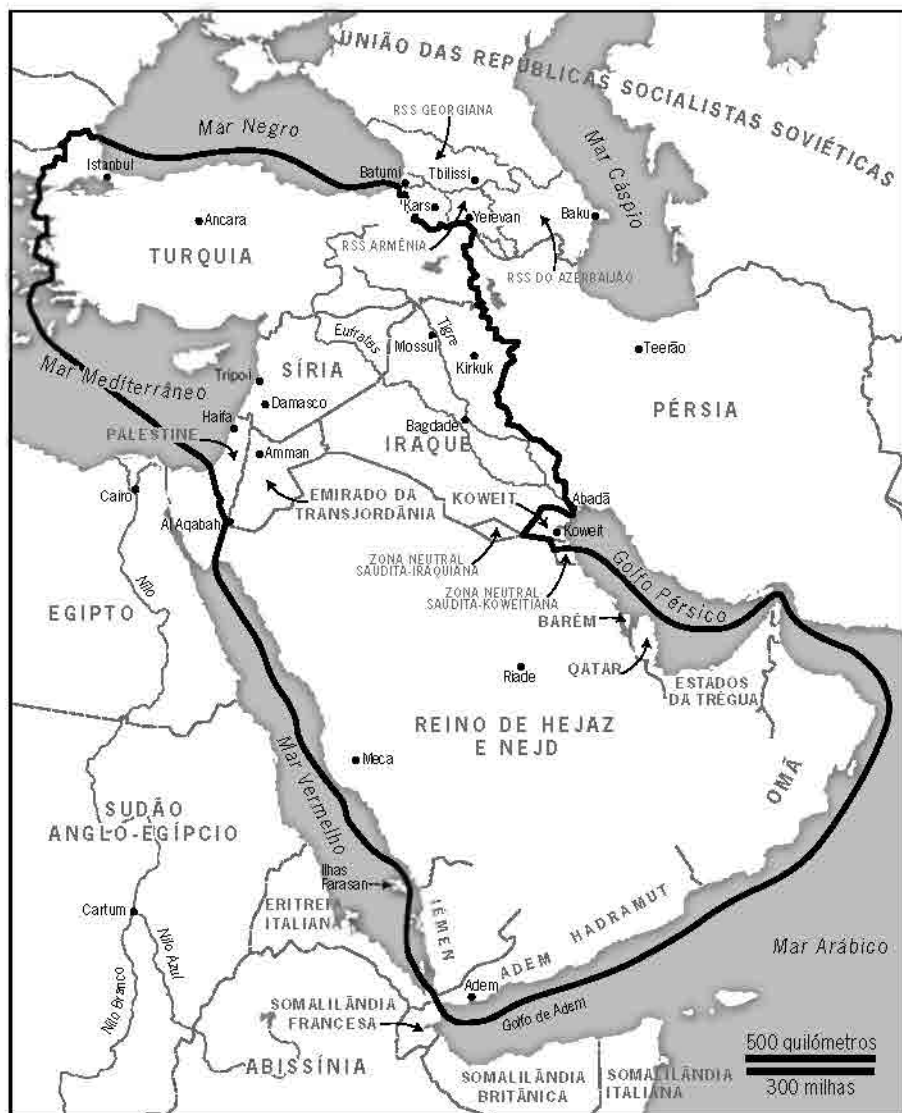
NOTA DO AUTOR

Sobre os Nomes

Embora Gulbenkian se referisse à sua cidade natal por Constantinopla, em lugar de Istambul, ambos os nomes eram usados no século XIX. Em prol da simplicidade, optei por Istambul ao longo de todo o texto. Utilizo as grafias actuais sempre que refiro outros lugares situados na presente República da Turquia. Em consonância com a prática do *British Journal of Middle Eastern Studies* e outras publicações científicas, não translitero os antropónimos ou topónimos árabes, arménios ou persas quando existe uma versão europeizada (daí que Mossul e não Maussul).

Sobre Valores Monetários

Para oferecer um sentido de proporção, a alguns valores históricos referidos no texto segue-se de imediato o valor equivalente em libras esterlinas ou dólares norte-americanos entre parênteses (ou parênteses rectos, caso o valor surja numa citação). São estimativas do equivalente no Índice de Preços no Retalho de 2015 ao valor histórico em questão, produzidas com recurso à Calculadora do Poder de Compra, de Lawrence Officer e Samuel H. Williamson, disponível na Internet em www.measuringworth.com.



INTRODUÇÃO

TRAÇAR A LINHA

Todos os mapas têm a sua lenda. O mapa associado ao Acordo da Linha Vermelha de 31 de Julho de 1928 não constitui excepção. Este acordo foi o momento em que as companhias que conhecemos como BP, Total, ExxonMobil e Royal Dutch-Shell uniram esforços no Médio Oriente. Em lugar de disputarem entre si o domínio do petróleo da região, viriam a colaborar num empreendimento conjunto: a Turkish Petroleum Company. A TPC foi o bebé de Calouste Gulbenkian, ou antes a sua «casa», fundada em 1912. Em 1914, o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico derallhes a sua bênção: potências rivais iriam cooperar não só nas províncias otomanas ricas em petróleo de Mossul e Bagdade, mas em todo o «Império Otomano na Ásia».

Contudo, em 1928, o «Império Otomano na Ásia» era uma recordação distante. O império desabara na Primeira Guerra Mundial, desencadeando uma vaga de violência genocida que matou um milhão dos compatriotas arménios de Gulbenkian. Uma miscelânea de mandatos e protectorados franceses e britânicos estavam a evoluir para novos estados-nação que hoje conhecemos como Iraque, Jordânia e Arábia Saudita. Assim, previsivelmente, quando foi necessário definir o «Império Otomano na Ásia» tal como fora em 1914, os negociantes de petróleo que estavam em Ostend, nesse dia, em 1928 confrontavam-se com uma situação crítica.

Tudo foi confuso até que Calouste Gulbenkian interveio:

Quando a conferência parecia prestes a fracassar, ele voltou a produzir uma das suas ideias luminosas. Pediu um grande mapa

do Médio Oriente, pegou num grosso lápis vermelho e traçou vagarosamente uma linha em torno da área central.

«Este era o Império Otomano que eu conheci em 1914», declarou. «E seria de esperar que eu o conhecesse: nasci nele, vivi nele e prestei serviço nele. Se alguém estiver mais informado, que tome a palavra [...]»

Os sócios de Gulbenkian na TPC observaram o mapa e aprovaram-no. Este relato, extraído da biografia de 1957, por Ralph Hewins, prossegue: «Gulbenkian erguera uma organização para o petróleo do Médio Oriente que durou até 1948: mais uma fantástica proeza de um só homem, nunca ultrapassada nos grandes negócios internacionais.»¹

Em 1916, o Acordo Sykes-Picot pusera procônsules imperiais lastimavelmente mal informados a trincar a Síria, o Iraque e a Jordânia mediante um conjunto de linhas rectas, linhas que não tiveram em consideração a geografia física ou humana. O exemplo mais significativo é talvez o «Espirro de Churchill», o recorte triangular na fronteira sul da Jordânia que teria resultado presumidamente de distração momentânea do estadista em 1921. No relato de Hewins, o gesto de Gulbenkian é mais perfeição sem esforço do que um espirro, e é acompanhado por afirmação de uma perícia de que careciam outros em volta da mesa, perícia resultante de experiência pessoal e profissional. Contudo, o tom e a gravidade do narrador conferem a Gulbenkian a autoridade do estadista para determinar o destino de milhões de uma penada.

Ao longo da sua vida, Gulbenkian evitou diligentemente a imprensa, a ponto de hoje aqueles que reconhecem o nome confundirem o reservado Calouste com o seu filho Nubar, sempre à procura de exposição; os londrinos, em particular, recordam afectuosamente o táxi guiado por motorista de Nubar. O secretismo de Calouste já antes tornou difícil apurar até factos básicos a respeito da sua família, educação e carreira. Muitos contemporâneos e alguns historiadores equipararam esse secretismo a duplicidade e não a modéstia. É habitual ver Gulbenkian referido como um «tenebroso manipulador arménio», uma figura «detestada» cuja influência, como os seus 5 por cento, derivou «da pródiga distribuição de subornos»².

Outras histórias do petróleo foram mais amáveis. Na sua história da indústria petrolífera, *The Prize*, galardoada com o Pulitzer, Daniel Yergin

mostra Gulbenkian ao nível dos grandes Rockefeller, Getty e Mattei, como «um dos grandes criadores-flibusteiros do petróleo»³. Se Calouste Gulbenkian é hoje conhecido, é-o como o homem que traçou a linha vermelha, um momento crucial na indústria do petróleo e do Médio Oriente. O Acordo da Linha Vermelha de 1928 incorporava a pretensão pessoal de Gulbenkian a 5 por cento do petróleo da TPC, uma pretensão que ele transferiu posteriormente para uma empresa, a Partex, que ainda hoje subsiste.

No entanto, num escrutínio mais aprofundado, a lenda desmorona-se. Embora o mapa tenha certamente estado presente até à fase final das negociações que culminaram em Ostend, Gulbenkian manifestou pouco interesse por ele. O mapa não é mencionado nas memórias que ditou para circulação privada em 1945. Ele nem sequer esteve em Ostend nesse dia fatídico. O episódio é um dos muitos mitos inventados pelo filho de Calouste, que nos diz mais a respeito dos sentimentos de Nubar pelo pai (orgulho, ressentimento, por vezes, afeição) do que do próprio homem.

Prescindir da lenda da linha vermelha pode parecer temerário para um biógrafo. No entanto, é importante reconhecer que os outros que estavam à volta daquela mesa eram impérios poderosos e empresas multinacionais, servidas por centenas de empregados, apoiadas por exércitos de soldados e marinheiros, bem como por contribuintes fiscais e accionistas. Dificilmente eles iriam deixar Gulbenkian, um indivíduo sem empresa ou Estado por trás, rabiscar linhas vermelhas nos seus mapas. Gulbenkian lutara duramente para levar os seus conflituosos parceiros britânicos, franceses e americanos a aceitarem coabitar na sua «casa», e derrotara com êxito tentativas reiteradas de afastá-lo. Contudo, ele não estava particularmente preocupado com o rumo da linha vermelha em si mesma. Nem era estilo seu pronunciar discursos bonitos. Trabalhou como facilitador de bastidores, um intermediário entre os mundos dos negócios, da diplomacia e da alta finança, uma figura muito diferente e mais interessante do que o Gulbenkian da lenda.

Como uma aranha no centro de uma indústria internacional petrolífera e financeira emergente, Gulbenkian manteve impérios e multinacionais como reféns durante mais de cinquenta anos. No entanto, não teria chegado a deter tanto poder se não fosse um negociador e um arquitecto financeiro excepcionalmente dotado. Produtores de petróleo

da Califórnia ao Cáucaso procuravam-no pela sua habilidade para angariar capital nos mercados bolsistas de Nova Iorque, Londres e Paris. Ele desempenhou um papel importante, ainda que não reconhecido antes, ao ajudar a Royal Dutch-Shell e a Total a estabelecerem-se como protagonistas no ramo do petróleo.

As intermediações de Gulbenkian apresentaram as companhias de petróleo norte-americanas ao Médio Oriente e levaram a Royal Dutch-Shell para a América, bem como para o México, a Venezuela e a Rússia. A indústria petrolífera embrionária que Gulbenkian encontrou no início da sua carreira, em 1900, estava dominada por um único produtor e uma única companhia: os Estados Unidos e a Standard Oil. Aquando da sua morte, em 1955, a indústria petrolífera mundial já não era um monopólio americano, mas um cartel internacional. Os membros deste cartel, chamados «Sete Irmãs», produziam cada um petróleo originário de vários países. Várias «irmãs» novas apareceram desde então. Contudo, a estrutura da indústria petrolífera de produção, integração e parcerias multinacionais continua a ser a mesma: a teia tecida por Gulbenkian permanece.

Nascido em Istambul em 1869, Gulbenkian chegou à maioridade no Império Otomano, para ver o mundo que lhe era familiar ser dilacerado pelo genocídio e pela guerra. Não foi o único arménio otomano a encontrar refúgio no Ocidente. No entanto, foi o único a prosperar extraordinariamente neste mundo estranho. Longe de o desencorajar, a destruição da sua pátria e uma personalidade solitária tornaram-se chaves para o seu sucesso: como homem reservado sem lealdades a qualquer império, Estado ou companhia, Gulbenkian pôde apresentar-se como o mais honesto dos intermediários. Para os «ocidentais», ele era uma fonte fiável de informação sobre o Médio Oriente. Para os «orientais», alguém a quem recorrer quando queriam saber o que andavam a magicar as Grandes Potências e as suas poderosas companhias petrolíferas. Isto foi tão verdade no caso do sultão Abdul Hamid II, em 1900, como nos do xá do Irão e de Ibn Saud, da Arábia Saudita, quatro décadas mais tarde. Gulbenkian era um diplomata simultaneamente ao serviço dos impérios otomano e persa. Até mesmo Estaline procurou o conselho de Gulbenkian, recompensando-o com obras de Rembrandt do famoso Museu do Hermitage. Nenhuma outra figura dos negócios na história da indústria petrolífera exerceu tanta influência, em tão larga escala e durante tanto tempo.

A história de Gulbenkian é de oportunidade. Quer olhemos retrospectivamente para a Primeira Guerra Mundial e o Acordo de Sykes-Picot há um século, ou consideremos a guerra em curso pelo controlo no Iraque, ou debates persistentes sobre capitalismo, política e identidade, Gulbenkian está escondido mesmo debaixo dos nossos narizes, a desafiar-nos a decifrar a fonte da sua riqueza e influência fabulosas. Como foi que um homem que nada sabia de geologia e que nunca visitou o Iraque, a Arábia Saudita ou qualquer dos Estados do Golfo reivindicou 5 por cento da produção de petróleo do Médio Oriente? Tendo assegurado esse prémio, como foi que conseguiu conservá-lo, tornando-se assim o homem mais rico do mundo? Como foi que um tímido solitário lançou pontes sobre os fossos entre o Oriente e o Ocidente que hoje parecem intransponíveis?

Gulbenkian construiu um palácio fabuloso em Paris que encheu com tesouros, não só quadros do Hermitage mas moedas gregas, antiguidades egípcias, tapetes persas, faiança Iznik e *netsuke*, botões japoneses minuciosamente esculpidos. Actualmente, as suas colecções estão depositadas em Lisboa, em anexo à sede da fundação que tem o seu nome e que continua a ser uma das fundações mais ricas do mundo. No entanto, pessoalmente, o grande coleccionador nunca dormia no seu palácio — vivia em hotéis. Tinha quatro passaportes diferentes e desejava que a sua fundação fosse igualmente internacional na sua ambição. Este espírito cosmopolita de independência reflectiu-se no mundo anterior a 1914 de circulação ilimitada de capital, tecnologia e pessoas. Esta globalização retraiu-se em seguida até à década de 1980. Agora a maré está de novo em refluxo: a liberdade de iniciativa e a liberdade de movimento estão sob ataque da direita e da esquerda. Disputas comerciais são engendradas. Sinistros «cidadãos de nenhures» são inventados. E as aclamações e os votos afluem. Decerto que Gulbenkian, o derradeiro «cidadão de nenhures», tem algo importante para nos contar neste momento da história.

Nas palavras recentes da Al Jazeera, Gulbenkian foi «o primeiro facilitador, intermediário e negociador do petróleo»⁴. Contudo, além de negociador, financeiro, coleccionador e diplomata, era também homem de família. Aqui revelado pela primeira vez, o vasto arquivo pessoal de Gulbenkian permite-nos avaliar o custo da incessante actividade dele para

os que amava. A solicitude dele como marido, pai e avô levaram-no a sujeitar a sua família a uma vigilância e controlo inexoráveis. Em momentos distintos, a mulher, o filho e a filha tentaram libertar-se. O filho chegou a levar Gulbenkian a tribunal. Nenhum logrou escapar a essa outra teia, a do dinheiro, do poder e da afeição que Gulbenkian tecera em torno deles. Há, portanto, muitos Gulbenkian a descobrir para lá do do Acordo da Linha Vermelha.

Na década de 1920, a linha que mais preocupava Gulbenkian era a que separava a Turquia do novo Estado do Iraque. Apesar de ser «turca», as relações da TPC com os turcos eram mediócras. O regime mandatário britânico no Iraque era mais propenso a confirmar os direitos da companhia ao petróleo de Mossul. Assim, para a TPC era crucial que as jazidas de petróleo ficassem do lado iraquiano de qualquer fronteira entre a Turquia e o Iraque.

Depois de a Conferência de Lausana de 1923 não ter conseguido chegar a um acordo, a fronteira em questão foi submetida à Liga das Nações. A Liga nomeou um antigo primeiro-ministro da Hungria, o conde Pál Teleki, para dirigir uma comissão de inquérito. Em Junho de 1925, Gulbenkian propôs conseguir que os mapas de Teleki fossem desenhados de modo a que as jazidas petrolíferas de Mossul ficassem do lado «direito» (iraquiano) da fronteira. O cartógrafo de Teleki, explicou ele aos seus colegas da TPC, era o antigo cartógrafo otomano, um arménio chamado Zatik Khanzadian. Khanzadian conhecia o papel de Gulbenkian na TPC e abordara-o por intermédio de um amigo mútuo da escola, Aram-Djevhardjian:

Khanzadian conhece todos os meandros e recantos daquele lugar e, como os outros membros [da comissão] não são cartógrafos, cabe-lhe a ele configurar o mapa de acordo com determinadas instruções relativas às posições topográficas; é-me dito que ele pode tomar as opções que quiser, e assim Khanzadian deseja entrar em contacto pessoal e confidencial comigo, confiando na minha posição e nome para conservar tudo [em segredo]. Ele está desejoso de saber quais são os pontos que a nossa companhia gostaria que permanecessem do lado do Iraque.⁵

Para quê incomodarem-se com convenções, protocolos e tratados quando as fronteiras internacionais podiam ser dispostas à nossa maneira por apenas duas mil libras (cem mil libras esterlinas)? Outros poderiam ir para a linha de partida. Gulbenkian ia directo à meta.

PRIMEIRA PARTE

APRENDIZ, 1869-1914

*«Ainda que toda a Constantinopla se mobilizasse em fúria contra
mim, a minha reputação não sofreria, pois não é na Turquia
que estou empenhado em brilhar.»*

C. S. GULBENKIAN

CAPÍTULO UM

ISTAMBUL, 1869

A história da vida de Calouste Gulbenkian é muitas coisas, mas não uma história de alguém que construiu fortuna do nada. Mais velho de três irmãos, Calouste nasceu em 1869, numa abastada família arménia otomana de Istambul, a capital do vasto Império Otomano. Para o pequeno Calouste, viajar entre a Europa e a Ásia teria sido rotina, pois a família estava instalada de ambos os lados do Bósforo. A casa da família e a primeira escola de Calouste, Aramyan-Uncuyan, ficavam do lado asiático da cidade, em Kadiköy¹. Os escritórios e armazéns da família estavam sediados do lado europeu. As férias eram passadas nas Ilhas dos Príncipes, no adjacente Mar de Mármara.

Uma das primeiras imagens que temos de Calouste mostra-o de pé, numa posição algo rígida e em trajes europeus, junto de outras duas pessoas em vestuário tradicional da Mesopotâmia, que os sultões otomanos tinham conquistado no começo do século XVI. O par à direita são provavelmente familiares, talvez membros da família Kouyoumdjian de Bagdade. Os Gulbenkian eram comerciantes e cambistas, em comunicação regular com associados nas principais cidades otomanas, como Izmir, Beirute e Bagdade, e até de mais longe, em territórios que haviam antes sido otomanos, como a Bulgária e o Egipto, mas também Marselha e Manchester. Exportavam algodão em bruto, lã, pêlo de angorá e ópio do império, e importavam tecido de Manchester, artigos de vidro de França e querosene de Baku. Os escritórios Gulbenkian ocupavam várias salas no Büyükh Valide Han, um vasto complexo de oficinas, armazéns e escritórios construído no século XVII que ainda se ergue entre o Grande Bazar e a Estação de Sirkeci, o terminal do Expresso do Oriente.

Embora vivessem várias centenas de milhares de arménios otomanos em Istambul (representando 15 por cento da população total), a elite mercantil da comunidade arménia (os *amiras*) era composta por umas meras 165 famílias². Como era natural, os membros desta casta de mobilidade extraordinária casavam continuamente entre si. A mãe de Calouste, Dirouhi, já era uma Gulbenkian antes de casar com Sarkis Gulbenkian³. O irmão mais novo de Calouste viria a casar com uma Kouyoumdjian. Fosse qual fosse a natureza do relacionamento entre Calouste e o homem de *kaffiyeh**, é, no entanto, claro que tais visitantes dificilmente teriam parecido exóticos para o jovem Calouste, que crescia na grande casa da Rua Ibis Lorando.

Além destes arménios, na casa de Kadiköy também residiam turcos, gregos e talvez até um ou dois franceses. Era função deles ocuparem-se da lavagem da roupa, cozinhar as refeições, fazer café para Sarkis (ele só tinha de bater palmas para que lhe levassem uma chávena acabada de preparar) e levar e trazer Calouste da escola aos ombros. Embora estes criados não fossem membros da Igreja Arménia, era comum no período otomano que fiéis de diferentes credos cumprissem os dias sagrados uns dos outros.

Com a importante excepção da igreja paroquial, a escola era o único ambiente verdadeiramente segregado que Calouste teria conhecido naquela cidade imperial multiétnica. Aulas e serviços eram ministrados em arménio. Os Gulbenkian podiam escrever-se entre si em turco, mas usavam o alfabeto arménio quando o faziam (a combinação conferia uma segurança acrescida às suas comunicações). No entanto, a nível oficial, a comunidade arménia, ou *millet*, era identificada como sendo de segunda classe: isenta de algumas obrigações civis, como o serviço militar, mas sujeita a determinados impostos e restrições a que não estavam obrigados os súbditos não-arménios do sultão. Muitos dos *amiras* da cidade optavam por cidadania estrangeira para escaparem a estas restrições e beneficiarem de protecções especiais e isenções tributárias que eram alargadas a estrangeiros ao abrigo de convenções bilaterais, as chamadas «capitulações»⁴.

Uma anedota de família regista a consciência que os *amiras* tinham de que, não obstante toda a sua riqueza, os modos *alla franga* (de estilo

* Touca árabe. (N. do T.)

francês) e o trajar *İngilizhârî* (de estilo inglês), continuavam a ser cidadãos de segunda classe. Reza essa história que, um dia, o criado que levava o café a Sarkis, ou *kahveci*, não apareceu quando o amo bateu palmas. Descobriu-se que o desgraçado serviçal adormecera no posto. Sarkis ordenou aos outros criados que o castigassem. Infelizmente, o criado morreu dos ferimentos, o que levou Sarkis a ter um acesso de fúria: «*Vur dedik öldür demedik*» (que em turco significa: «Disse-vos que o sovassem, não que o matassem»). A tirada a rimar entrou para a memória da família e era citada sempre que alguém perdia o sentido de perspectiva⁵.

Teria a história sido engraçada se o servidor de café fosse arménio? É provável que não. Teria um *bey* ou um paxá turco — ou seja, alguém de classe alta — achado piada se a mesma coisa acontecesse na sua casa? É provável que não. Se tal coisa acontecesse, suspeita-se que apenas suscitaria uma leve irritação, sobretudo se o criado fosse bom a preparar café ao gosto do seu senhor, como era o servo de Sarkis. Porém, não seria decerto algo que merecesse tornar-se lendário na família.

Talvez a anedota fosse engraçada porque implicava uma espécie de inversão. Numa cidade extremamente estratificada como Istambul, havia abundância de *hamals* (moços de fretes) e de outras pessoas consideradas substituíveis pelos seus vizinhos abastados. Em contrapartida, notava-se claramente um certo tremor quando um arménio rico descartava um turco pobre.

Filhos do Senhor da Rosa

Os Arménios viviam em Istambul desde o século XI, vários séculos antes de chegarem os Otomanos. No entanto, os Gulbenkian eram de certa maneira recém-chegados. Os irmãos Sarkis e Serovpe tinham chegado por volta de 1850, vindos de uma cidade muito mais pequena na Anatólia Central: Talas. Embora não existam provas de que Calouste alguma vez lá tivesse ido, não haveria dúvidas no espírito da família de que Talas era a «terra». Os Gulbenkian eram os residentes mais prósperos de Talas, que contava com cerca de 800 lares arménios, 900 gregos e 500 turcos. Eram proprietários da maior casa (15 divisões), eram os maiores exportadores de *jehri* (uma planta colhida para fabricar corantes) e eram donos das lojas

mais elegantes na «Pequena Alexandria», a rua comercial de Talas⁶. Construíram as duas escolas arménias e o ginásio da cidade, e pagaram para reconstruir a igreja arménia em pedra. Onde quer que se instalasse, em Nova Iorque ou Nice, esperava-se que um Gulbenkian continuasse a pagar a sua comparticipação dos custos correntes dessas instituições da família, que continuasse a remeter fundos para «casa» para serem distribuídos entre os necessitados.

Empoleirada numa serrania de pedra calcária cinzenta-arroxeadada abaixo do Monte Erciyes, Talas está voltada para a cidade muito mais vasta de Kayseri, a fervilhar na planície quente lá em baixo. Quando a grande exploradora britânica Gertrude Bell passou por Talas, em 1909, os companheiros advertiram-na para que não se distraísse. O guia dela, Fattish, e o *zaptieh* (polícia) destacado para a proteger trocaram histórias admonitórias:

«Certo dia [disse o *zaptieh*], o diabo veio a Kaisariyeh. «*Khush geldi*», disse o povo, «que seja bem-vindo», e mostraram-lhe as ruas e os bazares da cidade, as mesquitas e os *khâns*, todos eles. Quando ele ficou com fome, apresentaram-lhe comida até estar bem saciado, mas quando se levantou para partir, procurou a capa e o cinto e tinham desaparecido. O diabo não está a salvo dos ladrões de Kaisariyeh.»

«Deus fê-los patifes», disse Fattish.

«Que podemos fazer?», comentou o *zaptieh* filosoficamente [...] «o mundo é um só.»

«Muito viajam eles», prosseguiu Fattish. «Encontramo-los em todas as cidades.»⁷

Mais de um século depois, outro viajante para Kayseri (o autor) deteve-se para admirar a igreja arménia. Um transeunte abordou-o. «Se gosta», disse, a apontar para a igreja, «podemos vender-lha.»

Se os kayserianos eram famosos como vigaristas, então os arménios kayserianos eram particularmente hábeis a detectar novas oportunidades. Eram também conhecidos pelo seu gosto pelas disputas, graças à já antiga contenda entre os Melkonianos e os Frenkianos, a versão para os arménios kayserianos dos Montagues e dos Caputelos, que forçava todos os arménios

da região a tomarem partido. Os arménios abastados que dispunham de carruagens deslocavam-se com frequência de um lado para o outro, ansiosos por trocarem o calor abrasador do Verão de Kayseri pelos frescos pomares e bosques de Talas.

Por cima da entrada de Vart Badrikian, a escola para rapazes em Talas, havia uma lápide em que estava inscrito como:

A nobre prole de Gulbenk, da estirpe de Vart Badrik, quatro filhos que seguiram o bom caminho com amor, o mais velho Avedik, os mais novos Gullabi, Kalousd, Kerovpe, com as irmãs Marina e Serpouhi, e pela alma do seu irmão Hovhannes, dedica esta escola à nação neste mês de Outubro de 1847.

Nascido em Talas, em 1800, Gullabi Gulbenkian foi avô de Calouste Gulbenkian. Vart Badrik era o senhor da guerra de quem todos os Gulbenkian afirmavam ser descendentes: «Gül benk» é a versão turquificada de Vart Badrik, ou «Senhor da Rosa».

Vart Badrik governara a costa sul do Lago Van no século XI, quando essa região era parte do principado arménio de Vaspourakan. Quando Vaspourakan foi integrado no Império Bizantino, em 1021, as suas principais famílias arménias e respectivos servidores foram deslocados para oeste, para a Capadócia. Apesar de Vart Badrik ter uma reputação temível, é provável que isso não tenha proporcionado ao deveras tímido e introvertido Calouste muito em termos de credibilidade no pátio da escola. «Benk» tem parecenças com a palavra persa *benek*, que significa «marca de nascença» — parecenças desconfortáveis para Calouste, que era convenientemente tratado por «bexigoso» na escola.

Em 1847, a «nação» a que os Gulbenkian dedicaram a sua escola não era um Estado-nação nem sequer uma causa política. O último dos reinos arménios fora conquistado pelos Mamelucos em 1375, e a partir daí os arménios da Anatólia prosseguiram as suas vidas (por vezes muito prósperas) como súbditos do Império Otomano, tal como os seus pares étnicos arménios haviam feito enquanto súbditos dos impérios Bizantino, Persa e Mogol — ascendendo ocasionalmente a altos cargos imperiais. Neste contexto, «nação» referia um conjunto de instituições através das quais os arménios otomanos governavam a sua comunidade,

como um dos *millets*, ou grupos étnicos, em que estavam divididos os súbditos do sultão.

Os Arménios estiveram entre os primeiros povos a converter-se ao cristianismo, e a lealdade à Igreja Arménia e ao ritual arménio, a par da língua arménia, conservavam a coesão da comunidade em circunstâncias desfavoráveis. Como seria de esperar num *amira* arménio otomano, Calouste sentia-se confortável com esta «nação» sentida intimamente e nunca exprimiu o desejo de ressuscitar uma «pátria» nacional. A lealdade ao sultão era outro vínculo que os arménios otomanos partilhavam. A lealdade era trocada por protecção no reino do sultão, pelo direito de praticar a sua religião e por determinados outros privilégios.

Se era este o acordo, o sultão deixaria de cumpri-lo após 1895, sujeitando os seus súbditos arménios a vagas coordenadas de violência. Como recordou um antigo residente de Talas: «Nos anos de 1915-1916, os arménios foram exterminados. Massacraram alguns e exilaram outros. Os turcos apropriaram-se dos campos e das casas deles. Desta maneira, tornaram-se senhores do lugar.»⁸ As igrejas e a escola foram profanadas, delapidadas pela pedra. Até a lápide com a inscrição da escola de rapazes teria desaparecido, não fosse ter sido comprada pelo único residente arménio que lá restou, pelo preço de cem ovelhas. A ocidente, a população arménia de Istambul caiu acentuadamente, de 25 por cento em 1914 para 8,5 por cento em 1920⁹. Não obstante, a mundividência de Gulbenkian mal se alterou. Mesmo em 1923, ele continuava a descrever a posição da sua família no seio desse sistema em termos não reformulados — e dirigindo-se nada menos do que a um antigo ministro dos Jovens Turcos. «Nós, que fomos em todos os momentos súbditos muito leais e amigos do país», escreveu Gulbenkian, mereciam mais do que serem perseguidos, o que no caso dele incluiu o confisco das propriedades da família em Istambul. «É algo que me deixa profundamente ressentido», prosseguia, «tendo em conta as minhas relações e a minha posição. Dificilmente se pode ignorar o facto de que procurei sempre, em cada ocasião, o renascimento do nosso país, e acredito ter dado muitas provas disso no passado.»¹⁰

O «renascimento do nosso país» era o objectivo das chamadas reformas *Tanzimat*, introduzidas pelo sultão Abdul Mecid em 1839. Este programa de largo alcance e extremamente ambicioso procurou modernizar o sistema tributário do império, a economia, as Forças Armadas

e a administração, e até substituir a miscelânea de comunidades étnicas autogovernadas por uma sociedade e identidade otomana unitária. As reformas continuaram sob a tutela do sucessor de Abdul Mecid, Abdul Aziz, mas interromperam-se em 1876, com a acessão ao trono de um conservador de linha dura, Abdul Hamid II. Filho da *Tanzimat*, Gulbenkian continuou a ter esperança de que este «renascimento» pudesse concretizar-se — e conservou-a durante mais tempo do que os seus congéneres arménios otomanos.

A Canção de Ninar de Gladstone

Ao contrário dos *millets* arménios e gregos, os turcos e os árabes otomanos pouco tinham feito para tirar proveito das oportunidades que traziam as reformas *Tanzimat*. As famílias muçulmanas estavam relutantes em expor os filhos aos programas mais amplos e às novas ideias propostas pelo regime, ou pelos missionários norte-americanos que administravam escolas gratuitas por todo o império (incluindo em Talas)¹¹. Preferiram enviar os seus filhos para madraças, onde adquiriam algumas aptidões além de recitar de cor passagens do Corão. As esperanças de que as reformas educativas promovessem o surgimento de uma burguesia muçulmana foram um desapontamento. Os turcos e os árabes otomanos foram lentos a adoptar os hábitos *alla franga* que os Gulbenkian tinham abraçado em meados do século XIX: o uso de vestuário de estilo ocidental, comer de pratos individuais à mesa (em vez de uma travessa comunitária no chão), servir as mulheres primeiro (em lugar dos homens) e por aí em diante¹².

Arménios e gregos continuavam a dominar tanto o comércio internacional como o interno e a indústria de todos os sectores. Afinal, até mesmo num sistema tão mercenário como o Império Otomano, era preciso ter alguma inteligência prática para deter uma concessão de cobre, que-rosene ou travessia fluvial. Tinha de se compreender a tecnologia básica e a vertente financeira, interpretar a contabilidade e ter a percepção dos mercados internacionais e de como funcionavam. Mesmo que não se percebesse a química subjacente à refinação do crude para produzir que-rosene, nem o funcionamento de um barco a vapor, tinha de se dominar as línguas e a diplomacia para contratar e gerir aqueles que o percebiam,

A biografia definitiva de uma das figuras mais enigmáticas da História do século XX

Calouste Sarkis Gulbenkian morreu em Lisboa em 1955, aos 86 anos. Era, então, o homem mais rico do mundo. Conhecido como o «Senhor Cinco por Cento» pela sua participação na primeira companhia petrolífera a extrair crude no Iraque, a sua vida privada é tão elusiva e bizantina quanto a sua forma de negociar: as mulheres de que se fazia acompanhar, os negócios com Estaline, a forma como usava a sua mulher, a encantadora Nevarte, para aprofundar relacionamentos e alianças, a paixão pela arte.

Em Portugal e no mundo, o seu nome estará sempre associado ao mecenato e à maior e mais importante colecção privada de arte do país, exposta na Fundação Calouste Gulbenkian. Mas a fortuna que acumulou ao longo da vida tinha origem nas transacções e acordos de alto nível que mediou entre governos e barões da indústria do petróleo.

Jonathan Conlin enfrenta, neste livro, o carácter quase mítico de Calouste Gulbenkian, escrutinando a vida e os negócios de um dos homens mais influentes do seu tempo.

Escrita com total acesso aos arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian, esta é a biografia de um homem complexo, que traça as raízes de um legado incomparável.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-888-6



9

789895 898886